

MARIA HELENA MOTTA PAES

FRANCO SACCHI ago/59

GERALDO DE SOUZA

GERALDO JURGENSEN

MARIO BUENO

RAUL PORTO

THOMAZ PERINA

ARTISTAS DE CAMPINAS

GALERIA DE ARTE DAS FOLHAS

Uma mostra-amostra como esta, que nada tem de local, chama a atenção para a complexidade da arte contemporânea, cuja diversificação está longe de poder ser anulada por uma mera negação polêmica e sectária, exigindo, por isso mesmo, uma percepção multidimensional do fenômeno artístico. As classificações estabelecidas e as hierarquias aceitas já não resistem ao desenvolvimento da realidade, que vem fornecendo pontos-de-vista críticos sempre mais claros. Daí a necessidade de serem elaboradas sínteses fundadas nos conteúdos básicos, como um método de julgamento histórico da arte que tenha em conta tôdas as manifestações, dentro das possibilidades e finalidades da arte moderna. Não podemos continuar mutilando e mutilados por uma fragmentação que, mesmo nas suas formas mais tolerantes, é isolamento e desperdício. A idéia é que seria possível, nesta altura, fixar o "novo", não como característica exclusiva de uma determinada tendência, como conteúdo de uma determinada obra ou parte dela. Uma análise cuidadosa de obra por obra,

acredito, não permitiria classificar todo o "expressionismo", por exemplo, dentro de um único conteúdo, portanto, de uma tendência, mas as tendências de um conteúdo. Mostrar como determinado quadro de Van Gogh contém o "novo" e outro de Gauguin, não; o mesmo para certas obras de Léger com relação a outras de Picasso, etc. Acredito que esse trabalho traria revelações surpreendentes e contradiria os esquemas fáceis das histórias estandardizadas da arte moderna. Para nós concretistas, por exemplo, é o "novo" tudo quanto se opõe e nega o naturalismo, cuja origem se situa na Renascença, mas cujas manifestações não figurativas, líricas ou geométricas, vigoram ainda hoje. O não-figurativo, realmente, nunca foi fator caracterizante. Há arte que deixou de ser naturalista continuando figurativa e vice-versa. Pode haver uma arte "objetiva" — no sentido puramente artístico — que não seja concretista? O difícil, no entanto, é dizer o que vem a ser uma arte que deixa de ser naturalista, continua figurativa e é arte mesmo. Se há realmente a possibilidade de uma

arte "objetiva", de uma linguagem artística fundamentada em leis próprias e portanto conhecível e desenvolvível até o racional do seu modo peculiar de ser e se imagem pode ser produto direto de uma inteligência tão poderosa quanto a dos conceitos, a sua descoberta, é evidente, não pode ter acontecido só agora e não pode ser propriedade exclusiva de um reduzido número de artistas.

As obras aqui expostas de Thomaz Perina (um artista de grandes possibilidades) vêm para mim confirmar que o "novo" como conteúdo pode revelar-se mesmo no abstracionismo lírico. Podemos, então, diferenciar no "tachismo", o naturalismo da pura linguagem plástica. Certas obras de Pollock alcançam o nível das obras de Mondrian. Morandi (cuja influência sobre Perina é evidente) e Volpi pertencem à nova arte, sem serem a rigor concretistas. Como de resto, de outro lado, há concretistas improvisados, que melhor fariam se pintassem naturezas mortas.

Raul Porto envereda diretamente pelo concretismo, exercitando-se na busca das

contradições entre o ótico e o geométrico, termos êstes que, no caso, obedecendo a um enquadramento sistemático, superam uma ordem mecânica, apresentando, nos melhores desenhos, em seus pontos nodais, uma correlação imprevista e criativa. Seus desenhos são vistosos, mas não param no decorativo e a equivalência do fundo e figura nada mais é que a simultaneidade que torna possível, mediante sínteses inventivas, a estruturação de um complexo dialético de complexos mecânicos.

....

No caso de Franco Sacchi, deve-se ter em conta o seu esforço no sentido de libertar-se de influências da sua formação cultural oriunda do "novecento" italiano. Foi nas paisagens urbanas, que aqui não figuram, que Sacchi iniciou o caminho da depuração, justapondo casas e telhados numa sóbria linguagem bidimensional. Atualmente, sem abandonar por completo aquêles temas, mas selecionando elementos, compõe em perspectivas paralelas: uma axionometria que é também simetria rotativa, no sentido das duas coordenadas do plano.

Mario Bueno pertence à numerosa família daquêles artistas que compreendem a necessidade de uma linguagem clara, de uma pintura construída, sem abdicar, porém, da espontaneidade. Daí o aspecto manual das suas pinturas, cuja ortogonalidade tende para o orgânico. O uso, de outro lado, em certos casos, de poucas cores, desdobradas em vários tons, parece-me indicar uma futura simplificação, no sentido estrutural. A organização de um quadro, porém, nada mais é que o produto de uma organização interior, que no caso terá que acertar contas, com certo sentimentalismo.

Geraldo de Souza filia-se ao abstracionismo conservando memória figurativa. Os últimos quadros revelam a aspiração a uma distribuição econômica de elementos reunidos em grupos pelo fator colorido. Mesmo neste caso, o que é dado a apreciar é o momento de um percurso de experiências, que partiu da ruptura com o impressionismo acadêmico e vai delineando um caminho preferencial pelas numerosas poéticas da arte contemporânea.

A pintura táctil está aqui representada pelos quadros de Maria Helena Motta Paes, cujos empastes e reboques, por força de um valor convencional ou por uma semiótica plástica, constituem sinal de comunicação de um sentimento dramático. O trágico como não-arte da arte, contradição do formal do informal, inconciliabilidade e antinomias que não deixam de expressar desespêro autobiográfico ou de uma cultura.

O único escultor da mostra é Geraldo Jürgensen que segue a idéia de um movimento estroboscópico, aproveitando parábolas procadas pela torção de uma rede metálica. O uso do arame é aqui significativo, por se tratar de um elemento dado e caracterizado por si; o aproveitamento da rede revela o gosto por uma composição complexa, mas ordenada e dinâmica.

WALDEMAR CORDEIRO

MARIA HELENA MOTTA PAES



Nóvoa 3